

OS MELHORES INVESTIMENTOS DO MUNDO

Os bens culturais deixaram de ser um investimento de elite. Pelo contrário, são actualmente activos acessíveis e disputados em mercados competitivos de todo o mundo. No entanto, ao contrário dos produtos financeiros, a informação sobre este tipo de bens continua a estar encerrada num círculo restrito de conhecedores. Mensalmente, o “Negócios” irá contrariar esta tendência, revelando a informação privilegiada de um verdadeiro “insider”*, que, finalmente, aceitou a partilhar o que sabe.

Ao investimento em livros de artista, seguir-se-ão, nos próximos meses, mapas, vidro e perfumes, entre outros.

Peregrino Santa Clara/José Vegar

*Nota ao leitor:

Peregrino Santa Clara tem um percurso relativamente raro para um cidadão português. Filho de um almirante português e de uma inglesa pertencente a uma das famílias mais poderosas da “City” londrina, Peregrino iniciou os seus estudos superiores em Oxford, a que se seguiu um mestrado em finanças em Harvard. No início dos anos 60, com pouco mais de 20 anos, foi contratado por uma casa de investimentos de Wall Street, como director de pesquisa. Poucos anos depois, passou a “partner”, responsável pela Europa. A sua actividade obrigou-o a estadias constantes em Londres, Zurique, Paris e Milão, para além do Luxemburgo. As deslocações profissionais permitiram-lhe aprofundar um prazer de família: a investigação e o investimento em bens culturais.

Hoje, no ocaso da sua vida, Peregrino decidiu quebrar o seu valor mais precioso, o da discrição total, e partilhar com os leitores do “JdeN” os conhecimentos que adquiriu. Os textos são escritos na primeira pessoa para melhor reprodução do um olhar singular sobre os mundos a que só os iniciados têm acesso. José Vegar

37. LIVRO DE ARTISTA

A extensão da narrativa

Foi com mal escondida emoção, e não alguma surpresa, que detectei, na lisboeta galeria Pedro Cera, um livro de artista da jovem Catarina Leitão, cujo trabalho sigo desde há muito. Novas de Catarina Leitão são sempre uma alegria para mim, mas o que, desta vez, encontrei numa estante bem acompanhada pela parede branca foi algo de muito especial. Na verdade, há

muito que não via um livro de artista por parte de um criador plástico português, o que, devo sublinhar, constitui para mim um mistério e, claro, uma tristeza. O “Uplift”, assim se chama o livro, de Catarina Leitão é um exemplar maior desta arte discreta. Numa opção a preto e branco extremamente gráfica, que me faz lembrar alguma da melhor banda desenhada de outros tempos, e utilizando os materiais mais simples e nobres da arte do livro, Catarina consegue, simultaneamente, atingir dois objectivos paralelos: mostrar a sua técnica, partilhar o seu mundo. No primeiro capítulo, é a minúcia quase japonesa, a submissão dos materiais conseguida, e a criação microscópica de união de mundos através da matéria, que faz a minha felicidade. No segundo capítulo, estão lá de novo todos os temas da artista, entre estes o caos e a destruição, ou a imposição nada tranquila da natureza, mostrando o seu poder sobre o homem. O “Uplift” é o que está dentro de Catarina Leitão reduzido ao preciosismo de joalheria do detalhe. Abandonei com tristeza a companhia do livro, mas algo feliz por saber que este tipo de produção plástica recusa – se a morrer. Aliás, assaltos recentes a Londres e Nova Iorque fizeram – me descobrir trabalhos extraordinários que continuam a ser produzidos neste campo, especialmente por parte de editoras de nicho como a Ivory Press, a Koenig e a Granary, que, estranhamente, estão a deixar galerias e “dealers” para trás. Por outro lado, músicos e cineastas, dos quais o caso mais visível é o de Laurie Anderson, têm incorporado o conceito no seu trabalho, gerando obras de um brilhantismo inescapável. O que me assombra na vaga mais recente de criação destes objectos são as variações dos materiais e das propriedades e o radicalismo das ideias. Nos primeiros, fascina-me a passagem a livro de papel, cartão, aço, linho, vidro, pólvora, submetidos a uma harmonia e a um sentido nada fáceis de conceber. Nos segundos, a visão de de uma ideia ambiciosa capaz de rasgar todas as fronteiras aparentemente determinadas por um objecto tão simples. Não admira que os livros dos precursores, como os de Blake e Roth, atingam hoje cotações na ordem das centenas de milhares de euros, e os novos exemplares, dos artistas mais conceituados, pouco fiquem atrás. Por outras palavras, o livro de artista, especialmente pela sua raridade, é um investimento singular. Tenho para mim que o segredo do fascínio que provoca tem um pouco a ver com a extensão da narrativa que permite. Não tenho dúvidas que, antes de tudo o resto, o livro de artista é um exercício de genialidade e virtuosismo do seu autor. Reduzir a uma página, ou a uma sua réplica, ou à sua invenção em novos moldes, materiais e formas é, sem dúvida, um acto de sedução para o olhar. Mas, penso, muito pessoalmente, que o verdadeiro valor destes livros únicos está na possibilidade que permite ao criador de estender o seu acto. Uma tela, um papel, e o que lá são colocados, são actos únicos. O livro permite a extensão quase infinita, coerente e pormenorizada da narrativa que persegue o autor, garantindo-lhe ainda a intimidade do

olhar do leitor, e a sensação táctil. Assim sendo, ou dito de outro modo se assim for, o livro de artista é um segredo de arte bem guardado por um exclusivo de amantes que não gostam de partilhar actos únicos. Voltando a Catarina Leitão, seria uma felicidade enorme que os nossos criadores plásticos dedicassem tempo e paciência à concepção destes objectos, e que todo o circuito produtivo mostrasse a capacidade técnica necessária para os desenvolver. É mais uma prova de fogo para mostrar a recusa de circuito periférico.

Pontos – Chave

Potencial estético
Assinatura artista
Raridade

Pontos de Pesquisa

Galerias
Feiras de Arte
Editoras
Ateliers

Portugal: Desconhecida
Ocidente: 11 a 20 por cento
2 mil a 200 mil euros

Fronteiras

O investidor iniciado deverá ter em conta que neste campo da arte, como em outros, as fronteiras nunca são rígidas. Numa definição simples, e não consensual, o livro de artista é um trabalho de arte que resulta num objecto reconhecível como livro. O trabalho pode ser concebido das mais diversas formas, e com recurso aos mais diversos materiais, do papel ao aço, sendo que uma das mais populares é a inserção numa caixa de “páginas separadas”, que por sua vez formam um todo. Nas décadas mais recentes, o livro de artista tem dado origem aos mais diversos sub – géneros, dos quais o mais popular é o “livro artístico”, isto é em que o autor tem como único objectivo a concepção de um livro a partir de uma “ideia de arte” ou do uso de técnicas de arte. As diferenças, no resultado, não são muito perceptíveis, mas ao nível conceptual são gigantescas. Existe também uma tendência recente para acantonar toda a produção no termo “book art”. Embora o livro de artista tenha uma estimável história de séculos, considera – se o poeta inglês William Blake, falecido em 1827, como um dos

precursores desta forma de expressão artística, dada a sua extraordinária capacidade técnica, e a “ideia” que determinava a sua produção. O livro de artista manteve a sua força a partir daí, mas só no princípio do século, através do trabalho do “dealer” de arte e editor francês Ambroise Vollard, que apostou fortemente nesta expressão, ganhou uma notoriedade global. Daí para cá, o livro de artista tem sido adoptado por uma grande parte dos criadores plásticos, autores dos mais extraordinários objectos submetidos à forma de um livro, numa permanente reinvenção do que este poderá ser.

Fontes

O investidor que gosta de fazer algum reconhecimento antes de concretizar qualquer aquisição tem no livro de artista uma das expressões de arte mais acessíveis, ao contrário do que é norma neste território. Assim, algumas expedições podem ser programadas para museus, galerias e institutos, como, fisicamente e online, galerias, leiloeiras e editoras especializadas possuem vastos espólios. Nos Museus devem ser observadas, para nomear apenas as mais visíveis, as colecções do Victoria and Albert e da Tate Britain. Nas galerias, destacam – se a Albion, a Eagle, a Flow e a Haunch of Venison, todas em Londres. Também nesta cidade, a galeria Whitechapel organiza uma feira anual, em Setembro. As editoras especializadas são muito fortes, especialmente a Printed Matter, a Circle Press, a Designer Bookbinders, a Imprints, a Marcus Campbell Art Books, a EMH Arts, a Ivory Press, a Koenig e, especialmente, a Granary Books. Neste sector do negócio, é fundamental uma visita à livraria The Book Art, igualmente em Londres. O livro de artista, bem como as diversas manifestações de livros artísticos, originam também uma intensa produção crítica, de que o “sites” Umbrella, o JAB, o Bonefolder e o Colophon Page são alguns dos exemplos maiores. Actualmente, com a profusão de sites individuais dos próprios criadores, é possível também aqui encontrar alguns dos exemplos mais interessantes do que se está a fazer. Um facto a ter em atenção é o de que as produções de artistas conceituados esgotam rapidamente.

Valores

O investidor que decida iniciar uma colecção de livros de artista deverá ter em atenção as regras fundamentais do campo. O livro vale por ser um exemplar único, ou por pertencer a uma série limitada, normalmente de 4 a 9 exemplares. Um bom estado de conservação é fundamental. Tal como nas outras expressões artísticas, a notoriedade do autor é muito importante, e factores únicos, como a associação entre um artista e um escritor conceituado, fazem toda a diferença. Em termos de períodos históricos, as valorizações são muito mais ambíguas. Claro que um trabalho clássico, como os de William Blake, ou praticamente toda a edição de Vollard, especialmente os exemplares concebidos por Matisse, Picasso e Bonnard, são extremamente valorizados. Um marco absolutamente fundamental é toda a produção de Dieter Roth, falecido em 1998, que é creditado como tendo “reconstruído” o livro de artista, especialmente nas suas criações dos anos 50 e 60 do século passado. No entanto, no caso de Roth, é necessário ter em conta que só os primeiros originais, em séries limitadas, são importantes, e não as reedições seguintes. A partir de 1960, os americanos ganharam uma especial importância neste sector, especialmente Ed Ruscha, Cy Twombly e Raymond Pettibon.

Actualmente, um número extraordinário de criadores de nomeada produz livros de artista. Ainda recentemente o chinês Cai Guo-Qiang editou uma edição especial de nove cópias de um livro de artista que deverá ficar na história. Claro que só se podia chamar Danger Book: Suicide Fireworks.